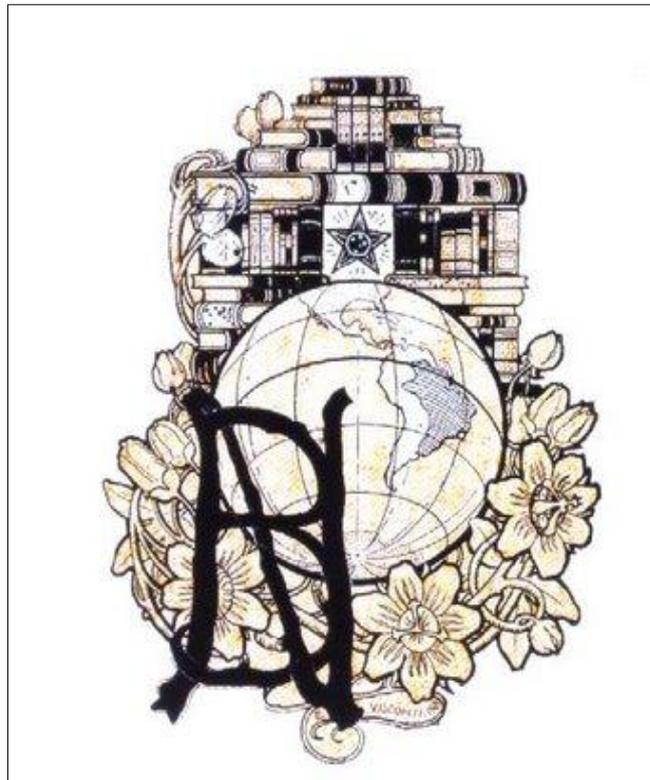


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2013

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Lorrayne Costa Tavares

**MOVIMENTOS LITERÁRIOS: UMA ANÁLISE DOS DEBATES E TENSÕES  
NO SUPLEMENTO LETRAS E ARTES ACERCA DO MODERNISMO  
BRASILEIRO(1946-1954).**

2013

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende acompanhar as linhas de pensamentos da nova geração de escritores do modernismo no suplemento “Letras e Artes”. Houve um forte debate entre a geração clássica e moderna, que discutia se o movimento modernista tinha sucumbido. Como objeto de estudo foram analisados os artigos publicados no ano de 1946 a 1954 do suplemento literário “Letras & Artes”. Tal estudo é baseado na pesquisa da qual faço parte intitulada “Retratos de Murilo Mendes” de Sheila Kaplan. Para tanto, irei analisar as matérias com tema específico em torno do modernismo do suplemento “L&A”, a fim de compreender as discussões entre os pensadores.

Palavras-chave: modernismo, literatura, artes, tensões e “Letras e Artes”.

## **ABSTRACT**

This job intends to follow the lines of thought of the new generation of Modernism writers in Literature and Arts supplement. There was a strong Contest between classical and modern generation, arguing if the modernist movement had succumbed. Articles published in the literary supplement Letters & Arts, in 1946 to 1954, as an object of study were analyzed. This article is based on research which I am part, entitled "Portraits of Murilo Mendes" by Sheila Kaplan. Therefore, I will analyze the materials with specific theme around the modernism of the supplement L & A, in order to understand the discussions between writers.

Keywords : modernism , literature, arts, tensions ,e “Letras e Artes”.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo é derivado da pesquisa da qual participei no Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP 2014) pela Fundação Biblioteca Nacional. A pesquisa é intitulada como “Retratos de Murilo Mendes” de Sheila Kaplan e foi composta por mim e pela orientadora Sheila Kaplan. O objetivo desta pesquisa é:

“[...] recuperar o pensamento de Murilo sobre as artes plásticas no período brasileiro, que coincide com o desenvolvimento do modernismo no Brasil.” (Kaplan, 2013, p.8).

A opção por este tema está intimamente ligada à pesquisa que desenvolvo acerca do poeta Murilo Mendes. A atividade principal consistia na realização de um levantamento no jornal “A Manhã”, esse levantamento dividiu-se em duas etapas.

Na primeira realizei o levantamento completo de 1946 a 1953 de todas as ocorrências com o nome de Murilo Mendes no jornal “A Manhã”, ao todo foram setenta ocorrências, da edição 01350(1) do ano de 1946 a 03359(1) do ano de 1952. Exceto o ano de 1953 que não havia nenhuma ocorrência.

Na segunda realizei um levantamento das ocorrências de Murilo Mendes no suplemento “L&A”, num total de 316 ocorrências que foram da edição 01377(2) do ano de 1946 à edição de 00296(1) do ano de 1954.

Através do levantamento no jornal *A Manhã* e no suplemento “Letras e Artes” sobre as publicações de Murilo Mendes pude traçar meu objeto de estudo. Depois de ter completado os levantamentos fui para etapa de análise dos mesmos. À medida que ia relendo e analisando as matérias identifiquei as linhas principais do debate em torno do modernismo num determinado período, 1946-1954, isto é, mais de duas décadas depois da Semana de Arte Moderna, em 1922.

“A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas. Integram o movimento alguns escritores intimistas como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida; outros, mais conservadores, como Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo; e alguns novos que estrearam com livre e por vezes desbragada fantasia: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, na poesia e na ficção; Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, neto, no ensaio.”(CANDIDO,2006,p.123)

Nesse sentido, o modernismo surge como movimento cultural com o objetivo de romper com o tradicionalismo marcado pelo Parnasianismo, Simbolismo e com a Arte Acadêmica, buscando a libertação estética e tendo características nacionalistas, com o propósito de atingir um desenvolvimento cultural no país, tendo suas nas artes plásticas e na literatura.

“Na verdade, ele inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele. Deixa de lado a corrente literária estabelecida, que continua a fluir; mas retoma certos temas que ela e o Espiritualismo simbolista haviam deixado no

ar. Dentre estes, a pesquisa lírica tanto no plano dos temas quanto dos meios formais; a indagação sobre o destino do homem e, sobretudo, do homem brasileiro; a busca de uma forte convicção. Dentre os primeiros, o culto do pitoresco nacional, o estabelecimento de uma expressão inserida na herança européia e de uma literatura que exprimisse a sociedade. É uma retomada, porém, que aparece sobretudo como ruptura, e realmente o é se atentarmos para o fato de que o plano em que se dá é bem diverso.” (CANDIDO,2006,p.125)

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar os discursos de escritores no suplemento “Letras e Artes”, de forma a acompanhar as tensões e os debates em torno do modernismo na época de 1946 a 1954 entre os modernistas e a nova geração de escritores. Saliento que essa análise foi realizada a partir das matérias pertinentes ao tema que foram encontradas por mim no suplemento “L&A”, no período de vigência da revista.

Os métodos que utilizei na realização deste artigo consistiram na leitura de bibliografias relacionadas ao modernismo e ao “L&A”, assim como, e principalmente, a leitura de uma série dos artigos publicados no suplemento “L&A” do jornal A Manhã, que podem ser encontrados “on-line” no “site” da Hemeroteca, pertencente à Biblioteca Nacional.

Primeiramente, abordarei a história do suplemento “Letras e Artes”. Posteriormente, farei uma breve compreensão do tema que estava em vigência entre os escritores acerca do fim do modernismo. Logo após, procederei à análise das matérias que envolvem uma enquete no suplemento acerca dos pensamentos dos novos escritores com o atual momento do modernismo. Finalizarei com algumas considerações sobre o que foi pesquisado.

### **O Suplemento Letras e Artes**

“Letras e Artes” é um suplemento que fazia parte do jornal *A Manhã*, que teve sua primeira publicação em 03 de Fevereiro de 1946, com a edição 01377 e prosseguiu até 24 de Agosto de 1954 com a edição 000313. Suas publicações eram semanais sempre aos domingos, tendo em média de 12 a 16 páginas.

O suplemento foi criado por Jorge Lacerda, ex-governador de Santa Catarina, um jornalista não literato que teve apenas um livro publicado e conseguiu fazer uma

interface entre política e literatura durante sua vida, conseguindo assim exercer o cargo de deputado federal ao mesmo tempo em que era diretor do suplemento.

“O fim do Estado Novo e o fim de suas publicações estabelece um vácuo, representado pela ausência de um projeto político que direcionasse os esforços dos intelectuais já habituados ao vínculo intelectual-estado, política-literatura. (...) É neste contexto sem pai que A Manhã busca uma razão para continuar existindo (...). sofreu, então, remodelações reiniciando uma etapa de prestígio editorial que levaria a tiragens massivas para a época, já um ano após as mudanças, com a criação do suplemento cultural Letras e Artes ao qual se atribui o sucesso do jornal.” (DEMARCHI,1991,p.VIII)

O suplemento possuía um caráter menos conservador, que dava mais valor a imagem do que ao texto, seguindo os moldes do modelo americano. Com caráter erudito, a revista optou pelo uso de fotografias, desenho, a ilustração, a reprodução de pinturas, xilogravuras o que pluralizou a linguagem do suplemento.

“L&A” criou muitos espaços que não se limitavam somente à literatura. A poesia, a filosofia, as pesquisas folclóricas, a arquitetura, a música erudita e popular, artes plásticas, o teatro, o cinema, a fotografia, o balé, a crônica de viagem entre outros, fizeram parte das colunas da revista.

Neste sentido, “Letras e Artes” era um suplemento de imenso valor e muito bem apreciado pelos críticos e pela massa.

“Letras & Artes cumpriu um significativo papel no campo cultural ao caracterizar-se como uma rede de discursos variados, servindo de ponte entre escritor, artista e mercado, registrando as tensões próprias dessa mudança que apontava novas perspectivas para os agentes.” (DEMARCHI,1991,p.XXII)

### **Transição no Modernismo**

O modernismo teve seu grande ponto de partida na semana de 1922, porém um possível fim estava sendo cogitado intencionalmente por novos escritores. A fraqueza dos vanguardistas foi crucial na retomada do tema pelos novos escritores. Tristão Athayde é o grande eminente escritor escolhido para abordar e dar o pontapé inicial nesta arena de debates, desse modo ele faz entrevistas que abordam o “fim do

modernismo”. Destaco entre elas as entrevistas com escritores como Manuel Bandeira<sup>1</sup> e Alceu Amoroso Lima<sup>2</sup>.

Amoroso atribui a crise da Literatura a um momento de transição do modernismo para um movimento que ainda não está sólido, portanto só o futuro irá dizer.

“Estamos vivendo um momento infecundo e inquieto da passagem, morreu o modernismo com Mário de Andrade, ainda não nasceu o sucessor, mas tudo indica que há uma nova geração ávida de afirmação neste após-guerra que está sofrendo com a lenta eclosão de uma nova era social.” (LIMA, 1946, Letras e Artes, p.13, Ed.00009)

Manuel Bandeira, acerca do fim do modernismo atribuído a morte de Mário de Andrade diz “pausadamente” como conta a entrevista, que o movimento já havia morrido muito antes da morte de Mário de Andrade, ele continua dizendo que o próprio Mário em uma Conferência no Itamaraty diz que o movimento está superado. Em torno disso Demarchi<sup>3</sup> percebe que Bandeira está numa situação delicada, como ele explicita:

“O pausado mal-estar de Bandeira era multifacetado: tendo sido um dos participantes da vanguarda modernista a desmoralizar os acadêmicos e clássicos poetas inimigos do novo código vanguardista, agora via-se na incômoda posição de ser ele próprio um acadêmico confirmador dos triunfalismos de Adonias Filho e Peregrino Júnior para os quais o modernismo agora era um bagaço passadista a ponto de vários modernistas terem sido "aceitos" pela Academia, no que incluíam o próprio poeta de "Os sapos". Por outro aspecto o mal-estar de Bandeira era, pode-se dizer, nauseante, uma vez que falar da morte do modernismo associada à recente morte de Mário de Andrade no tom retumbante de alívio e consumação com que o fato era tratado, era para ele uma petulância sem tamanho uma vez que, além de ser amigo de Mário, estava empenhado em zelar por sua memória e continuidade, o que fazia ali mesmo em L&A ao publicar exaustivamente suas cartas.” (DEMARCHI, 1991, p. XII)

Athayde, ao realizar uma síntese sobre o pensamento de escritores na revista “Lanterna Verde” sobre o fim do modernismo, destaca o pensamento de Manuel de Abreu. Ao ser questionado se o modernismo acabou. Abreu responde que acabou, pois:

---

<sup>1</sup>Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro.

<sup>2</sup> Pseudônimo “Tristão Athayde”. Foi um crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. Foi Conde Romano, pela Santa Sé. Adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde

<sup>3</sup>Ademir Demarchi é Doutor em Literatura Brasileira (USP), é editor de BABEL – Revista de Poesia, Tradução e Crítica.

“(…) Apesar de seu potencial, o modernismo trazia de início o gérmen de sua fraqueza. Faltou-lhe seriedade. Faltou-lhe sofrimento. Faltou-lhe o sentido da totalidade” (Lanterna Verde, 1936,p.86)

A partir disto, a edição do “L&A” promove uma campanha em prol das tensões apresentadas, a fim de saber o que pensam os escritores sobre o modernismo e seu possível fim, a qual explicitarei mais à frente.

### **Tensões entre os Modernistas e a Nova Geração de Escritores**

Poetas e escritores buscavam uma ruptura com a tradição, com a cultura clássica e com os valores tradicionais, neste sentido a instauração do moderno torna-se o principal objetivo de um grupo de escritores intitulados “neomodernistas”.

Sendo assim, o suplemento “L&A” torna-se uma arena de debates onde são disseminados vários tipos de discursos transformando-se então em um campo com um grande alcance cultural que abriga a principal tensão do momento, isto é, a tensão entre o clássico e o moderno, onde o modernismo teria seu fim declarado. Demarchi diz que :

“O fato de ser jornal do governo, a ligação com a Academia e a presença no suplemento de um grupo significativo de escritores com capital simbólico acumulado no apoio ao Estado Novo, nos movimentos nacionalistas passados ou ligados ao movimento católico(27), deu a L&A um aspecto conservador que se manifestaria em suas polêmicas e nos textos publicados.” (DEMARCHI, 1991,p. X)

Numa tentativa de declarar fim ao modernismo, a direção do “L&A” promove uma série de entrevistas com os novos escritores de todas as tendências políticas e estéticas a fim de debaterem o pensamento de Athayde no artigo intitulado “*O Neomodernismo*” .Como segue abaixo a imagem do artigo publicado no “L&A”<sup>4</sup> :

---

<sup>4</sup> Ver LETRAS ARTES. Ed.00052(3), p.4,24/08/1947.

# O NEO-MODERNISMO

TRISTÃO DE ATHAYDE

**N**OSSA geração, — a que teve 20 anos por volta de 1914, isto é, quando terminava de fato o século XIX e se abria, com a primeira grande guerra, o século XX — nossa geração literária é chamada a geração do modernismo.

Por ela, de fato, que se insurgiu contra o domínio ou antes a sobrevivência do parnasianismo e do simbolismo lançando um grito de revolta contra o espírito acadêmico de repetição e de conformidade e procurando novas formas de arte, de política e até de religião que se traduziram pelo movimento modernista, pela revolução de 1930 e pelo renascimento católico.

Esses três movimentos nem sempre caminharam lado a lado. Por vezes mesmo se hostilizaram reciprocamente. Mas hoje, quando o tempo começa a pelir as arestas e a revelar as raízes, estamos vendo claramente que os três movimentos não foram apenas sincrônicos, mas simultâneos e faziam parte de uma mesma onda da vida, que foi a expressão múltipla e ao mesmo tempo uniforme do espírito de uma nova geração.

Costuma, por isso mesmo, definir o movimento modernista pelos marcos da vida literária de Mário de Andrade, entre 1920 e 1935. Esses 15 anos é que contaram a meu ver, como o âmbito propriamente dito, do movimento modernista. Foi em 1920, que Mário de Andrade rompeu com o parnasianismo que ainda limitava os seus primeiros sonetos de 1917. "Há uma gota de sangue em cada poema". A partir de 1920 e até morrer dramaticamente em 1945, a poesia e a prosa de Mário de Andrade reconstituíram o núcleo do movimento modernista. Por Mário ou contra Mário, salvo diferenças ou simpatias acidentais ou extra-líricas, assim se pode reconhecer de longe no tempo, quem pertenceu ou quem não pertenceu ao movimento modernista.

Com a morte do autor da "Fandinha desvalhada" encerra-se um ciclo em nossa história literária. Encerra-se o ciclo da nossa geração dançada a que pertencem os homens que em 1915 tiveram 50 anos ou deles se aproximavam.

Desde então surge uma nova geração e é uma nova geração que ocupa o proscênio. Nós não somos mais os bastidores ou a plateia. Ou ficamos acidentalmente no palco. A cada época corresponde o predomínio de uma geração. Uma das séries inferiores às gerações que nasceram. O lugar no palco literário não corresponde à hierarquia de valor. Mas é quantidade de acino ou abaxio da anterior, uma geração não dura mais tempo que as outras. De 20 a 30 anos no máximo. Quando se apaga mais cedo, deixa vazia a cena. Quando termina em percutar-se, cria a confusão ou o ridículo. Saber sair de cena é tão importante como saber entrar. Para uma e outra coisa há o momento feliz, como há o momento desastroso.

Há dois anos, portanto que saímos de cena. O que não quer dizer que automaticamente, chegaram as novas, abriu-se um novo ciclo e fomos arquivados nas academias, nas catedras ou nas bibliotecas. A realidade nunca é tão simples assim. E a convivência entre gerações, é a evidência que nem é preciso encarecer. Uma coisa porém é conviver, viver ou participar; uma coisa é começar tarde e ser muitas vezes um guia dos novos, como foi o caso de Graça Aranha. Outra é pertencer ou não à turma dos que marcam uma época, como podemos dizer, sem ênfase, mas sem mentir, que nossa geração foi quem fez o modernismo literário.

Hoje começamos as novas a aparecer, no vazio que deixou, com a morte de Mário de Andrade e com a mensagem já lá dos demais, a refirida da geração modernista. E podemos lançar os olhos para o que chegamos, como há 20 anos nos honrorávamos nos que naquele momento chegamos.

Nossa crítica não vai citar nomes nem obras. Desejo apen-

nas acentuar dois ou três pontos em que creio ver no neo-modernismo, um movimento bem diverso do que foi o nosso modernismo.

1 — Vejo, antes de tudo que o movimento não vem de improviso nem se manifesta como uma ruptura e sim como um prolongamento.

O nosso modernismo, foi, antes e acima de tudo, anti-clássico, anti-romântico, anti-parnasiano, anti-simbolista, anti-burguês, anti-luziano. Foi contra tudo que representasse uma tradição, um passado, uma permanência. Foi acima de tudo, uma insurreição. Veio contra. Veio brusco. Veio violento e desabusado. Veio criando barreiras e repudiando os movimentos anteriores.

O neo-modernismo, não se manifesta, as mesmas parças, por nada disso. Surge como uma prolongação do modernismo. Não atrai pedras nem em Mário de Andrade, nem em Manuel Bandeira, nem em Oswald de Andrade, nem em Carlos Drummond de Andrade, nem em Augusto Frederico Schmidt, nem em **Mário Mendes** nem em Vinícius de Moraes. Não renega, de modo algum, a herança modernista. Muito pelo contrário, vemos alguns novos exprobar a inércia ou a falta de originalidade dos seus próprios companheiros de idade e fazeram como modelo os heróis da revolução modernista.



A morte de Euclides da Cunha foi um dos acontecimentos que mais abastariam a sociedade brasileira, pela circulação das notícias trágicas que a cercaram e pela abraçaram-se junto à mesa, emocionadamente.

Torquato Monteiro trouxera da viagem muito alegria, e dando a mão a João Lopes, tranqüilamente. Não trocaram um shake-hand teatral, com vigorosos puxões, como nas pantomimas norte-americanas.

Coelho Neto ficara ao lado de Paula Ramos. Um momento falou do infeliz amigo morto.

— Era um pato. Era uma alma muito pura. Estalou...

**MURAT E BILAC**

E, sem terminar a frase, desceu, demonstrando ao pé da tribuna, onde se sentava Luiz Murat, abatido no seu parafusado. Foi um encontro doloroso para os homens de letras.

Entreolharão-se, comunicaram-se nesse olhar a fúria comovida que os abalava, e foi Coelho Neto quem falou de Euclides. Foi um bom. Sábio, trabalhador, vivia na sua torre de marfim, fazendo de seus amigos uma espécie de culto. Logo ao saber da morte de Euclides, correu à Piedade. Tivera uma vertigem, caíra numa cadeira.

— E sabem quem me veio alentar?

Já estavam Faria Neves Sobrinho e outros.

— O próprio filho de Euclides.

Uma surpresa incomparável o fim dessa existência luminoso-boia. E quase abandonado na morte. O cadáver passara a noite despido, numa mesa de mármore do Necrotério. De manhã cedo, Olavo Bilac foi a sua casa.

— Neto, é impossível! O cadáver de Euclides está inteiramente nu.

**QUEM PEDE O VOTO DE PEZAR**

O barulho dos bumbanos anunciou a reunião.

Fúria a lóbrega do espetáculo.

O neo-modernismo é portanto um movimento à procura de uma definição, uma modicade à busca do mestre, um poder criador à cata de inspiração, uma força que se pede um programa de ação. Por isso mesmo chega lentamente, dispersa, insatisfeita não sabendo ao certo o que quer nem o que pode, não sabendo com quem conta nem para onde vai.

O neo-modernismo vem de longe, de manso, sem manifestos nem revistas definidas, sem qual quer coesão e sem nenhum intuito demolidor.

Mudará? Surgirão os iconoclastas? Triunfarão os anti-modernistas?

Não creio. O anti-modernismo literário foi a rotina, o acadêmico, a mediocridade ou o ressentimento. Incapaz de inspirar um movimento novo.

Por isso mesmo é que chamo ao movimento que se anuncia confusamente, mas pela intuição ou pelo ofato do que pela visão ou pelo ouvido, de neo-modernismo. Não vejo um desdobramento do próprio modernismo. Uma nova página, um novo capítulo, talvez uma nova parte, de uma obra já iniciada. E não um início, uma partida, uma ruptura, como foi o modernismo.

2 — Outro ponto de separação é o interesse pelas coisas universais.

O modernismo foi eminentemente nacionalista e até regionalista. A outra grande guerra

foi uma descoberta do Brasil pelos brasileiros. Assim pelo menos o julgo nossa geração, foi uma descoberta do Brasil pelos brasileiros. Assim pelo menos o julgo nossa geração. Toda a nova literatura foi animada por esse espírito da terra, que chegou a sustentar a necessidade de um primitivismo, de um indigenismo total.

Hoje, ao contrário, a nova grande guerra lançou o Brasil no cenário do mundo. Despetou o interesse por duas novas culturas, a russa e a norte-americana. A nova geração ou se deixa absorver pelo espírito totalitário, comunista ou fascista, ou surge bruscamente pelo revigoramento de espírito democrático. Tudo isso se passa prêm no plano universalista. O anti-nacionalismo começa afinal a destacar-se do anti-patriotismo, desfazendo-se o velho equívoco. E o Brasil, em vez de aparecer como modelo para originalidades literárias, aparece como um gigante doente, vítima da Ditadura e do Reacionarismo, lançado sem preparação no palco universal, mas tendo queira ou não queira que representar um papel no cenário do mundo.

Além disso, de mais coerente com uma das linhas-forças (como diz Gonzague de Reynold) do espírito do povo brasileiro, do que esse interesse pelas coisas humanas universais.

Seja como for, esse traço universalista aparece, em contraste com a nota nacionalista.

## Política & Letras

ISRAELI

te. Erico Corêho, desdenhando as lutas pretas, caminhou para a sua bancada e poliu, em poucas palavras, um voto de pesar pelo falecimento do extraordinário brasileiro, que nasceu no seu Estado, o Rio de Janeiro.

### COELHO NETO DESCREVE A MORTE DE EUCLIDES

Depois Coelho Neto chegou-se, ficando de frente da presidência, entre as duas ordens de bancadas. Todos os deputados vieram a pé de perto. Notava-se que só no cumprimento de um dever estava ele ali. Pálido, o olhar quase num desval, raramente a voz trêmula, fez o elogio do forte burilador dos "Serões". Havia no recinto uma atitude geral de respeitosa carinho por aquela oração dolorosa e eloquente, diante do drama brutal, em cujas malhas perfidas succumbira o mais viril representante da cultura brasileira.

Coelho Neto começou a descrever a cena que defrontara no casarão da Estrada Real de Santa Cruz. De repente, parou, deixando o discurso para a apreciação do irreparável, que há para todos na perda do grande homem:

— A morte vive a ceifar a flor do nosso espírito.

Sente Coelho Neto que há um mistério que sua palavra não quer desvelar, e que não oculta o nobre, adamantino caráter de Euclides da Cunha.

— Mas o país deve conhecê-lo — apertica Luiz Murat.

Agora é o sertanejo que agradece ao excepcional estilista a reivindicação da terra descoberta do morto, raça de caboclos, trabalhadores e bons, reserva poderosa da nossa nação, usidade, que Ele, o poeta dos sinetes, dos humildes, tão clara e afetuosamente compreendeu.

Coelho Neto termina, sempre brilhante, tributando a Euclides da Cunha um voto de agradecimento, em nome da gratidão do morto, voto de admiração, de saudade e de amor.

fa do movimento de 1920, como típico do neo-modernismo.

3 — Outra diferença é a primazia das preocupações sociais e políticas quando o modernismo fôra preferentemente esteticista.

Mário de Andrade acentuou bem o aristocratismo do movimento modernista. Hoje, podemos acentuar, ao contrário, o demeritismo do novo movimento. Agora então, quando as forças políticas dominantes, em contraste com o caminho cada vez mais confessado do conservantismo reacionário, dominadas pela dupla pressão do militarismo e do capitalismo, a literatura vai certamente acentuar cada vez mais o seu espírito revolucionário popular. Sempre que os poderes, os ricos e os reacionários se apoderam de Pádua, a literatura estorna o "cangaço" das consciências livres. Quanto mais pensam triunfar pela violência e pela opressão, sob a máscara do patriotismo e da defesa da ordem ameaçada, mais lesta lança na fogueira. E mais insolvel tornam o problema social.

Prevejo pois uma reação crescente na literatura brasileira, do espírito social revolucionário e democrático, em contraste violento com o aristocratismo do nosso velho movimento modernista.

— E finalmente, para não prolongar mais este confronto, como a arte é sempre o campo das contraposições imprevistas, ao passo que o modernismo foi conformista em política e revolucionário em estética, o neo-modernismo se apresenta como revolucionário em política mas reacionário em estilo.

Essa estilística reacionária se manifesta por uma volta à disciplina, às metrificações populares, aos ritmos clássicos, às rimas, a tudo o que o liberalismo modernista parecia ter banido para sempre... Para quem lida um pouco com a história literária não há nisso propriamente surpresa. Pois as formas literárias se sucedem mas nunca se repetem. E quasi sempre se epõem quando continuam embora se assemelhem quando intercaladas.

Não deixa, entretanto, de ser interessante essa volta a certa regularidade clássica no estilo, a certa semelhança com a realidade na pintura, a certa melodieidade na música, que o modernismo julgara ter liquidado, e o neo-modernismo recolhe, em forma transfiguradora, pois há nossas oscurações de ordem estética um hábito muito rapidamente alcançado e ultrapassado, e a luta entre liberdade, de rotina e bom senso é a estado normal da história literária.

Esse al alguns traços que parecem distinguir o movimento literário, que as novas gerações começam a empreender daquele que há 30 anos assadados nos mesmos empreendimentos.

Quando foi diretor de "A EPOCA" em 1912, há pois 35 anos durante os quais um mundo veio abaixo e outro começa a nascer, — o que de novo procurarei introduzir na revista — foi precisamente arjar as suas páginas até então, ao que me parece, quase exclusivamente dedicadas aos problemas jurídicos com a publicação de artigos literários e filosóficos.

Estavamos, então, sob o domínio do parnasianismo, do simbolismo, do realismo burguês, de tudo aquilo contra o que dez anos depois fomos reagir pelo movimento modernista.

Hoje, que vi nascer e morrer de uma geração de cinquenta e três anos bem batidos, que vejo surgir uma nova geração um novo modernismo, uma nova escola, cujo nome só o futuro revelará, mas em que terão renome provavelmente alguns dos que hoje, desconhecidos, promovem esta tenebrosa homenagem aos velhos diretores de "A EPOCA".

Animo, alegria, confiança em si — é o que lhes asseguro de todo coração. São veterano que se sente hoje mais jovem do que no tempo em que humildemente tomou a direção desta revista que é uma atrevida boa vida de que se pode esperar muito de felicidade brasileira.

Com o propósito de tratar com maior justeza os movimentos literários que os precederam e os que estão prestes a surgir, o crítico Athayde provocou um grande debate no suplemento “Letras e Artes” acerca do surgimento da nova geração literária e seus valores. A partir disso, um grande debate surge no rol literário.

O artigo foi publicado em julho na revista “A Época” na Faculdade Nacional de Direito e foi transcrito em agosto no suplemento “Letras e Artes”. Cabe ressaltar que Athayde em 1912 foi diretor da Revista “A Época”, órgão de gestão da Faculdade de Direito, onde estudaram Lêdo Ivo<sup>5</sup>, Paulo Mendes Campos<sup>6</sup>, Fernando Sabino<sup>7</sup>, Homero Icaza Sanchez<sup>8</sup> e outros pensadores. As entrevistas sob o título “*Pronunciamento dos novos sobre o pensamento de Tristão Athayde*” foram realizadas com os seguintes novos escritores: Lêdo Ivo, Adonias Filho<sup>9</sup>, Raymundo Souza Dantas<sup>10</sup>, Antônio Rangel Bandeira<sup>11</sup>, Almeida Fischer<sup>12</sup>, Fernando Ferreira de Loanda<sup>13</sup>, Breno Accioly<sup>14</sup>, Silvio Elia<sup>15</sup>, José Guilherme de Aragão, Jorge Medauar<sup>16</sup>, Waldomiro Autran Dourado<sup>17</sup>, Dalton Trevisan<sup>18</sup>.

No artigo de Athayde, “O Neo-Modernismo”, que deu origem às entrevistas, o autor se refere à nova geração como a “*a nossa geração do modernismo*” que surgiu com novas formas de artes, política e religião. Uma geração que vivia em um contexto de pós-guerra, onde não se conformava com as “velhas formas” e com o espírito acadêmico de repetição e de conformidade. Junto à geração existem três movimentos: o movimento modernista, a revolução de 1930 e o renascimento católico.

---

<sup>5</sup>Lêdo Ivo foi um jornalista, poeta, romancista, contista, cronista e ensaísta brasileiro. Seu primeiro livro foi *As Imaginações*. Fez jornalismo e tradução.

<sup>6</sup>Paulo Mendes Campos foi um escritor e jornalista brasileiro

<sup>7</sup>Fernando Tavares Sabino foi um escritor e jornalista brasileiro

<sup>8</sup>Homero Icaza Sánchez foi um advogado, cônsul e executivo de televisão panamenho-brasileiro.

<sup>9</sup>Adonias Aguiar Filho foi um integralista, jornalista, crítico literário, ensaísta e romancista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>10</sup>Raimundo Sousa Dantas foi um escritor e diplomata brasileiro, embaixador do Brasil em Gana e na Argentina. Nomeado por Jânio Quadros, foi o primeiro embaixador negro brasileiro.

<sup>11</sup>Poeta, cronista, ensaísta, jornalista, advogado, membro da Academia Pernambucana de Letras.

<sup>12</sup>Oswaldo Almeida Fischer foi um escritor, jornalista e crítico literário brasileiro

<sup>13</sup>Fernando Ferreira de Loanda foi jornalista e poeta.

<sup>14</sup>Breno Accioly foi um escritor brasileiro.

<sup>15</sup>Silvio Elia Bacharel em Ciências e Letras e em Direito, professor em Linguística e também Romancista.

<sup>16</sup>Jorge Medauar foi um poeta e contista brasileiro.

<sup>17</sup>Autran Dourado foi um advogado, escritor e jornalista brasileiro.

<sup>18</sup>Dalton Trevisan foi escritor e contista.

Para ele, esses três movimentos muitas vezes não andaram lado a lado, mas contribuíram para a construção da geração do modernismo. Em seu texto, Athayde delimita temporariamente o núcleo do modernismo dizendo que o modernismo aconteceu de acordo com os marcos da vida de Mário de Andrade que vão de 1920 até 1945.

“ Esses 25 anos é que contam ao meu ver, como o ambiente propriamente dito do movimento modernista”.  
(ATHAYDE,Ed.00052(3),p.4,24/08/1947).

O fim da geração modernista viria com a morte de Mário, iniciando assim um novo ciclo na história literária com o surgimento de uma nova geração.

Ele afirma que a geração modernista, passou a estar na plateia ou até mesmo no palco acidentalmente, porém o lugar no palco não corresponde a um critério de valor, mas de qualidade acima ou abaixo da outra geração, pois uma geração não passa de 30 anos, e quem sai mais cedo de cena deixa o palco vazio e quem se perpetua cria confusão, como diz Athayde:

“ Saber sair de cena é tão importante quanto saber entrar.”  
(ATHAYDE,24/08/1947 p.4).

Athayde não nomeia a nova geração como os “neomodernistas” sem nenhuma intencionalidade, ele lista alguns pontos sobre ela. No primeiro ele diz que esta geração não é uma ruptura com a geração modernista, mas é uma continuação da geração passada, segundo ele, a geração é um tanto confusa, não possui heróis próprios, faltando assim originalidade a eles, por isso bebem muito da água do modernismo, que tem seus próprios grandes intelectuais, como Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Carlos Drummond etc.

Portanto, diferente do modernismo que nasceu abominando as velhas formas literárias, o neomodernismo surge como um desdobramento do próprio movimento modernista.

No segundo, ele diz que a nova geração surge com traços universalistas enquanto que a geração modernista tinha traços nacionalistas. No terceiro, ele diz que o modernismo defendia o Aristocratismo, enquanto que no neomodernismo defendia a Democracia, neste sentido eles eram mais preocupados com as questões sociais e políticas do país.

Enquanto o modernismo foi conformista em política e revolucionário em estética, o neomodernismo é revolucionário em política, mas reacionário em estilo. Isso se justifica pela volta às antigas formas que o modernismo tinha banido, a exemplo as rimas. Segundo ele, isto é natural já que as formas literárias quase sempre se opõem quando são contíguas, mas se repetem quando intercaladas. Concluindo, Athayde diz ser testemunha do fim de uma geração modernista e do surgimento de uma nova geração, isto é, o novo modernismo que futuramente terá bastante renome.

A partir deste artigo, o suplemento propõe uma enquete entre os novos com o objetivo de saber sobre o que pensam os “novos” acerca do pensamento de Athayde. E são essas entrevistas que irei abordar neste momento.

A primeira entrevista é com o pensador e escritor Lêdo Ivo, autor de “As Alianças”. Ivo diz que a análise de Athayde utiliza-se de generalizações e de observação grupal. Para ele, a Literatura é feita de expressões individuais, pessoais e intransferíveis dos escritores que marcam um movimento literário. O problema de uma nova geração está na renovação intelectual no Brasil ser feita pelos seus vultos mais representativos.

Ivo diz não concordar com Athayde no que concerne à ideia de que os novos não querem lutar, nem destruir os velhos, pois para Ivo, os velhos já foram destruídos pelo o tempo, o que é confirmado por Athayde em uma de suas afirmações dizendo que a nova geração está em busca de mestres, mostrando claramente a posição dos novos em relação à geração de escritores que os precederam.

Segundo Ivo, é uma crítica que pode suscitar respeito ou repulsa, mas jamais uma aceitação incondicional, isto é, a nova geração viria para construir e não para continuar. Ivo diz não concordar com a afirmação de Athayde, no que diz respeito de que os modernistas descobriram o Brasil.

“ Ao meu ver, os modernistas apenas abriram algumas estradas na mata. Caberá à nova geração descobrir o Brasil, o homem universal que há no brasileiro e só por intermédio da integração do nosso país dentro do mundo, de uma inteligência voltadas para o universal é que se pode realizar esta descoberta.”(IVO,00058 p.15 14/09/1947)

Os novos veem na Literatura um caráter formal que não deve ser deixado de lado. A nova geração é uma geração de afirmações pessoais, onde não congregam em um movimento. Neste sentido, ele finaliza dizendo que as ideias de Athayde podem ser

consideradas como uma oficialização literária do que vem marcando o espírito dos novos.

Na entrevista com Adonias Filho, romancista e autor de “Os Servos da Morte”, ele concorda de que eles – a nova geração – são diferentes dos modernistas, mas discorda no que diz respeito à ação e à crítica da arte deles, pois para Filho, os novos agem individualmente, por isso não acha justa a generalização.

Adonias Filho não acredita em caracteres próprios de uma geração, mas sim numa contribuição pessoal que se movimenta em torno de uma experiência e de um destino.

“Não houve uma geração modernista, como não há uma geração extremista. Políticos e escritores, sim – cada qual, porém com um mundo próprio.” (FILHO,00058 p.15 14/09/1947)

Na entrevista de Raymundo Souza Dantas, ele diz estar em dúvida quanto à afirmação de que eles são herdeiros dos modernistas, pois segundo ele, as diferenças são grandes entre eles. Para ele, a maior diferença consiste que eles não são “anti”, nem condenam nenhum movimento.

“Atirar pedra em Mario de Andrade, Bandeira ou outro qualquer –por que? – quando podemos muito bem nos debruçar sobre eles, numa atitude de compreensão, mas nunca tendo-os como mestres ou exemplos. Nossa geração é por excelência uma geração crítica, analista, fria e sem paixões.”<sup>19</sup>

Ele continua dizendo que eles caminham isoladamente sem se constituir propriamente uma geração literária. Enquanto os modernistas foram conformistas, os jovens estão sendo revolucionários no que concerne a política e arte.

Na entrevista de Antônio Rangel Bandeira, em seu texto diz que não entende porque Athayde intitula a geração como neomodernista se o que caracterizou a geração modernista foi o caráter revolucionário, o que justamente falta à nova geração.

Desta forma, diz que não são neomodernistas e sim modernos, isto é, contemporâneos, e é neste sentido que acha que são continuadores dos modernistas e que está há tempos à procura de uma ordem.

---

<sup>19</sup>(DANTAS, Letras e Artes, Ed. 00059(1) p.15 21/9/1947.

Bandeira coloca Athayde como um grande ícone de contribuição artística e literária, por isso não se pode destruir o que há de bom, portanto não há necessidade de um rompimento.

Ele descreve como se apresenta a nova geração no presente, para ele a nova geração tem plena consciência do material que tem nas mãos e como pretendem utilizar, não possuem mestres, são autossuficientes, também pretendem ser 100% criadora, mesmo não conseguindo, esse é seu objetivo maior. Também possuem a ideia de arte que tiveram em sua formação conquistada pela geração modernista. Enfim, sabem admirar o passado e por isso não atiram pedras.

Almeida Fischer, escritor e autor do livro “Horizontes noturnos”, discorda de Athayde em alguns pontos. Para ele, os ditos novos não estão à procura de mestres e nem de um programa de ação.

A geração neomodernista é uma geração heterogênea e rebelde, por isso não deve haver um programa de ação nem guias, pois seus integrantes não formam um grupo bem definido a ponto de realizá-los nem segui-los.

“Jamais fará essa geração um movimento literário coletivo, pois a sua maior força reside justamente na atividade individual dos que a constituem na sua multiplicidade de tendências estéticas e políticas. A contribuição dos neo-modernistas para a nossa renovação literária será antes de tudo pessoal.”<sup>20</sup>

Fischer finaliza dizendo que os modernistas destruíram tudo, e que eles, os neo-modernistas, tem a função de reconstruir novos caminhos literários e só o futuro dirá se foram plantados bons frutos, porém somente a próxima geração saberá se será obrigada a destruir tudo novamente.

Fernando Ferreira de Loanda inicia sua entrevista dizendo:

“Sim nós somos uma prolongação do modernismo.”<sup>21</sup>

Segundo ele, não é preciso essa distinção de novos, já que a geração dele não passa de uma promessa. Diz também que os pensadores modernistas ainda não foram devidamente valorizados e que eles, os neomodernistas, ainda não fizeram algo de significativo para terem tanto valor.

---

<sup>20</sup>FISCHER, Letras e Artes, Ed.00059(1) p.15 21/9/1947.

<sup>21</sup>LOANDA, Letras e Artes, Ed.00060,p.7,28/09/1947.

Então, para ele não existe uma vontade de demolição dos valores da geração passada, já que para se demolir algo passado é preciso fazer surgir valores autênticos, o que não é o caso dos neomodernistas.

Já na entrevista de Breno Accioly, ele diz que não acredita na existência de uma geração literária e sim de cérebros que se completaram, ainda completa dizendo que o problema de uma geração é insolúvel.

O escritor Sílvio Elia, em sua entrevista diz que o artigo de Athayde foi o mais fiel possível à verdade dos fatos, procurou ser justo e compreensivo em suas observações.

Elia aponta algumas diferenças entre as duas gerações, segundo ele, a modernista foi nacionalista e literária e segunda universalista e essencialmente política. No entanto essas diferenças, não quebram a continuidade entre elas, pois o neomodernismo não tem um programa estético definido, pois ele ou se contenta a voltar às velhas formas do parnasianismo ou vive nas arestas do modernismo.

Ele acredita que este movimento neomodernista é um movimento cultural de restauração democrática em bases humanistas, que será o grande apogeu do século XX, no entanto, o escritor atribui uma relativa timidez literária ao fato de que ainda existe um caminho com rotas mais firmes a ser percorrido.

Finaliza dizendo que aplaude o artigo de Athayde, mas que discorda quanto a Mário de Andrade, pois para ele, Mário de Andrade nunca o influenciou, pois mais que sua contribuição seja grande, ele não vê em Andrade uma figura tão significativa.

José Guilherme de Aragão, crítico literário do “Correio da Noite”. Já há algum tempo que o escritor Athayde fala sobre o movimento dos neomodernistas, para ele, este é um movimento derivado do modernismo, que por mais que seja autônomo, ainda é incipiente.

Aragão explica que há dois tipos de movimentos, o primeiro se caracteriza pela reação “*écrasement des idoles*”, isto é, “*esmagando ídolos*”, que segundo ele aconteceu com o Romantismo que reagiu contra o Classicismo, o Naturalismo contra o Romantismo e o Modernismo contra o Parnasianismo. No entanto, os movimentos menores – os “neo”, os “ultra”, os “sur” – são uma espécie de reordenação, derivação

das formas originárias, o que para ele é o caso do movimento neomodernista, caracterizado por ele como uma fase de transição.

Jorge Medauar poeta e autor do livro “Chuva sobre a tua semente”, afirma que o movimento não é um simples prolongamento do modernismo, pois tal prolongamento é uma fatalidade histórica.

“Penso que nossa geração, como a anterior, é heterogênea, porém a maioria é mais séria, mais responsável e muito mais anti do que o grupo de tricot puramente estético, que na geração de ontem foi anti-parnasiano, etc, mas que não soube ser principalmente anti-fascista.”<sup>22</sup>

Ele finaliza dizendo que é dever de todos não separar a arte da política, nem se envolver com o capitalismo americano ou neofascismo que está implodindo, e com a ajuda dos mestres passados, os novos farão arte bela e duradoura, mais bela e duradoura do que os crimes e as guerras.

Waldomiro Autran Dourado, autor da novela “A Teia” e na época redator chefe da Revista “Edifício” de Belo Horizonte inicia seu depoimento dizendo:

“É grande a vontade do sr. Tristão de Ataíde de nos dar paternidade aos modernistas de 22.”<sup>23</sup>

Segundo Autran, o termo agregado a eles como os “neomodernistas” não é apropriado. Para ele, os neomodernistas são os que ficaram abrigados na sombra de Mario de Andrade, pois para ele esses quase não produziram e sua inexpressividade era intensa, e os que de algum modo sobreviveram, é porque procuram avançar e sair um pouco do modernismo. Por isso ele diz:

“Não sejamos viúvas de Mario de Andrade.”<sup>24</sup>

Deste modo, ele acha precipitado o fato deles serem rotulados como neomodernistas, pois o movimento ou a geração que está por vir ainda está tomando forma, pois acaba de surgir.

---

<sup>22</sup>MEDAUAR, Letras e Artes, Ed. 00061(1), p.15,12/10/1947

<sup>23</sup>DOURADO, Letras e Artes, Ed.00063, p.13,26/10/1947

<sup>24</sup>DOURADO, Letras e Artes, Ed.00063, p.13,26/10/1947

A porta está aberta para eles, então é hora de avançar, e não ficar sendo herdeiros do modernismo. Ele não concorda com a delimitação da morte do modernismo com a morte de Mário em 45, pois os últimos dias do poeta se definiram pelos esforços do grupo que estava a perecer, à de alguma forma voltar o que um dia foi, então foi impossível continuar o timbre da geração.

Carlos Drummond e Vinícius de Moraes se por ali ficassem nada seriam, segundo Autran. Ele finaliza dizendo que o movimento surge longe do nacionalismo.

“Os lugares não foram ainda assumidos, é um pouco cedo[...] Há muito pouca ligação da estreia dos novos com os modernistas...” “Não somos modernistas, mas também não somos neo-modernistas. Repito: é cedo para definições, para catálogos.”<sup>25</sup>

O ficcionista Dalton Trevisan, autor da novela “Sonata ao Luar” e diretor da revista “Joaquim” de Curitiba declara que não se considera apto a falar da nova geração, porém escreve algumas poucas considerações.

O escritor ironiza a fala de Athayde em seu artigo polêmico, onde se refere à falta de originalidade dos novos:

“Original sem dúvidas é o sr. Oswald de Andrade publicando – vinte anos depois da Semana – uma obra modernista...”<sup>26</sup>

Por fim, ele não se considera neomodernista, diz que essa nova geração ainda não tem definição, por isso julga o artigo de Athayde sem nenhuma importância. Assim chega ao fim a campanha de “L&A” em abrir espaço para os novos escritores acerca do surgimento da nova geração e da liquidação do modernismo.

Demarchi analisa essas tensões entre os modernistas e o neomodernistas como uma disputa ao poder, pois segundo ele, o escritor Athayde tem a intenção dar paternidade do movimento modernista à Graça Aranha, o que traz certa insatisfação a Mario de Andrade, como Demarchi cita uma fala do escritor em uma carta endereçada a Manuel Bandeira :

"(...) me parece irremediável: quando se falar do nosso movimento pro futuro o Graça aparecerá como chefe dele e diretor das nossas consciências, o que é a coisa mais inexata e injusta que pode haver. Mas me parece irremediável isso. Dá raiva." (DEMARCHI *apud* ANDRADE, Mário de.1925 Cartas a Manuel Bandeira, p.74).

---

<sup>25</sup>DOURADO, Letras e Artes, Ed.00063, p.13,26/10/1947

<sup>26</sup>TREVISAN, Letras e Artes, Ed.00063, p.13,26/10/1947

Com o declínio do modernismo, a tradição se viu obrigada a tomar uma posição ao momento histórico e propõe uma volta as velhas formas. Neste sentido, ela ressurgiu com um concurso de sonetos nas páginas do “L&A”, este ocorreu entre julho de 1948 a inícios de 1949. Tendo na comissão julgadora escritores como Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida. Quanto a isso, Demarchi diz que:

“A experiência de L&A mostra que ao decretar a morte da vanguarda a tradição faz um retorno às origens que se dá com a volta à religiosidade, à tentativa de re-humanização e reencontro do eu desaparecido na desarticulação simultânea da linguagem e da simultaneidade. O restabelecimento do soneto simboliza a segurança, não mais o devanescer-se mas o reencontrar-se com uma forma segura e conhecida, sinóníma de reencontro com um deus ressuscitado pelo retorno à tradição e às categorias unificadoras. Já não mais a busca do novo, nem a perseguição ao futuro mas o retorno ao passado, à metafísica e à tentativa de centrar o caos da modernidade.”  
(DEMARCHI,1991,P.XIII)

Além disso, Demarchi cita a abertura de espaços para os novos escritores no suplemento devido à pressão advinda deles, chamados de "Cantinho para os novíssimos" criado por Alcântara Silveira em sua página semanal sobre "São Paulo nas letras e nas artes" ou páginas inteiras como "A palavra dos novos". Mesmo com todas essas pressões os modernistas não viam neles um grande perigo, até mesmo porque eles ainda não eram um movimento de fato. Sendo assim Demarchi escreve:

“A delimitação de espaços próprios onde se manifestem os novos escritores se combina com a definição das regras de ascensão permitidas que, ditadas pelos então ocupantes dos postos, passam pela recusa aos pressupostos ou atitudes sub-versivas dos modernistas, restringindo o reconhecimento ao espaço permitido pela instituição.”  
(DEMARCHI,1991,P.XIII)

A partir disso, pode-se concluir que as tensões apresentadas nas páginas do “L&A” acerca do nascimento de uma nova geração e da morte do modernismo, podem ser interpretadas como fruto de uma disputa pelo poder e por lugares de ascensão na Academia, isto é, muito mais do que decretar o fim do modernismo, a nova geração de escritores desejavam emergir e conquistar um lugar na Literatura Brasileira. Como Demarchi cita Peregrino Junior:

"Num país onde para o escritor existem tão poucos prêmios e estímulos, a única instituição capaz, pelo prestígio e pela força, de assegurar ao escritor uma situação que equivale realmente a uma consagração, é a Academia Brasileira. A eleição acadêmica tem que ser, portanto, o coroamento da vida intelectual de todos os homens de pensamento do Brasil. Tudo, pois, quanto há de mais natural e honesto"(DEMARCHI,1991,P.XIII)

Com isso, o escritor escolhido para iniciar de forma polêmica o debate acerca do fim do modernismo, conseguiu conquistar atenção necessária para que os novos conseguissem um espaço próprio. Como pode ser comprovado no artigo de Peregrino Junior , destaco um trecho que fala acerca de lugares conquistados depois dos debates do ano de 1947:

"O modernismo pertence hoje ao passado. Foi superado. E foi quase totalmente esquecido. Não seria justo, porém, negar-lhe a significação histórica. É nesta hora inatural e obsoleto. Virou passadismo. Não resta dúvida, entretanto, que ele nos prestou um bom serviço. Os seus frutos estão aí, maduros, excelentes. Ele restaurou, no Brasil, o espírito da mocidade. E a Academia, que não o aceitou, - nem podia em sã consciência aceitá-lo - afinal de contas recolheu com sabedoria a sua lição: aderiu ao espírito de mocidade. Provam isto dois fatos: rejuvenescimento dos seus quadros, com escolha de alguns líderes modernistas (Alceu Amoroso Lima, Manoel [sic] Bandeira, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Peregrino Júnior, Cassiano Ricardo, Múcio Leão, Menotti Del Picchia) e a concessão de seus prêmios a escritores e poetas modernos (Jorge de Lima, Ledo Ivo, Breno Acio-li). Renova-se. E convocou para o seu convívio e a sua simpatia expressões mais marcantes da jovem literatura brasileira. Hoje a Academia sorri, amável e complacente, a todos os jovens que lhe batem à porta. E tudo isso - diga-se a verdade - todo esse espírito de compreensão e aceitação que acolhe por toda parte os jovens escritores, mesmo os de índole mais subversiva, nós o devemos sem dúvida ao movimento modernista. Foi ele que aplainou o terreno, foi ele que abriu o caminho, preparando a marcha fácil e alegre dos moços de agora". (JUNIOR. Letras & Artes, 00088,p.14,13/06/1948, "No Petit Trianon").

Portanto, como foi dito nos discursos dos neomodernistas, o movimento modernista foi extremamente necessário para que se abrissem as portas para os novos, desta forma, não tem sentido ir contra um movimento que influenciou toda uma geração. Como Athayde cita o escritor Renato Almeida na revista Lanterna Verde:

“(...) o modernismo libertou o espírito brasileiro de um mundo de absurdos, de velharias, de tolices[...] A geração de moços que aparece, com excelentes romancistas, ensaístas e alguns poetas, desconhece inteiramente os pedrouços que arrancamos da estrada.”( Athayde *apud* ALMEIDA,Lanterna Verde, 1936,p.86)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O suplemento “Letras e Artes” desempenhou um significativo papel enquanto disseminador de discursos e de terreno cultural. Nele foi expresso todo tipo de arte e literatura relevantes no momento histórico da época. Ressalto novamente sua grande importância no debate tenso entre o clássico e o moderno, através dele foi possível dar voz aos escritores.

O fim do modernismo foi um tema muito abordado e disseminado entre os escritores da época. Serviu como estratégia da promoção dos “novos” e também serviu de canal para a tradição sair do marasmo e da fraqueza que estava vivendo, voltando então às velhas formas.

As tensões entre os modernistas e os então neomodernistas foram explicitadas neste artigo, a fim de esclarecer as ideias acerca da nova geração. E foi dando um espaço no suplemento que os neomodernistas foram colocando suas opiniões acerca da grande expectativa de uma nova geração que estava por vir, que ainda não havia se solidificado.

Portanto, neste artigo retomei os discursos apresentados no “L&A”, com o propósito de trazer à tona as ideias disseminadas sobre a crise literária que o país vivia. Neste sentido, recuperar as matérias publicadas no suplemento foi fundamental para entender como foi construído todo o debate teórico da época, que envolvia velhos e novos atores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMARCHI, Ademir. **Cultura em busca de vitrines – literatura e mercado, morte do modernismo e populismo**. Dissertação de mestrado. CETD/ PLTB /UFSC, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e cultura de 1900 a 1945, in Literatura e Sociedade**. SP, T A Queiroz Editor, 2006.

PAES, José Paulo Paes. **Cinco livros do modernismo brasileiro**. Estudos Avançados. P. 88 – 106.

KAPLAN, Sheila. **Retratos de Murilo Mendes**. Projeto de Pesquisa. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2013.

ATHAYDE, Tristão. **O Neo- Modernismo**. In: Letras e Artes. 24/03/1947. Ed.00052(3).

SHERER, Marta. **AMÉRICA LATINA IMPRESSA –UM ESTUDO NO SUPLEMENTO LETRAS & ARTES**.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. SP, Cultrix, 1999.

ANDRADE, Mário de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1958.

CAETANO, R.O.2012. **Murilo Mendes Por Flávio de Carvalho: Relações intelectuais através de retratos**. Juiz de Fora. Minas Gerais. Brasil.

LUCA, T. R. de. **História dos, nos e por meio dos periódicos** (1a ed. 2005; 2ª ed. 2006, 2a ed. 1a reimpressão 2008). In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Históricas. 2aed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

## JORNAIS E PERIÓDICOS

Letras & Artes, suplemento cultural do jornal A Manhã. Rio de Janeiro: 1946-1954.

Lanterna Verde. Rio de Janeiro: 1934-1944. Boletim da Sociedade Felipped`Oliveira.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<<<http://www.infoescola.com/literatura/modernismo/>>>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Autran\\_Dourado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Autran_Dourado)

[https://www.google.com.br/search?q=Jos%C3%A9+Guilherme+de+Arag%C3%A3o&q=Jos%C3%A9+Guilherme+de+Arag%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0l5.864j0j4&sourceid=chrome&es\\_sm=93&ie=UTF-8#q=Jorge+Medauar](https://www.google.com.br/search?q=Jos%C3%A9+Guilherme+de+Arag%C3%A3o&q=Jos%C3%A9+Guilherme+de+Arag%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0l5.864j0j4&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8#q=Jorge+Medauar)

[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/angola/fernando\\_ferreira\\_de\\_loanda.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/fernando_ferreira_de_loanda.html)

[http://de.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio\\_Elia](http://de.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Elia)

<http://www.escrituras.com.br/products.php?product=Breno-Accioly%3A-obras-Reunidas>

[http://www.infopedia.pt/\\$breno-accioly](http://www.infopedia.pt/$breno-accioly)

[https://www.google.com.br/search?q=Adonias+Filho&oq=Adonias+Filho&aqs=chrome..69i57j0l5.779j0j4&sourceid=chrome&es\\_sm=93&ie=UTF-8#q=raymundo+souza+dantas](https://www.google.com.br/search?q=Adonias+Filho&oq=Adonias+Filho&aqs=chrome..69i57j0l5.779j0j4&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8#q=raymundo+souza+dantas)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Raimundo\\_Sousa\\_Dantas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Raimundo_Sousa_Dantas)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homero\\_Icaza\\_S%C3%A1nchez](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homero_Icaza_S%C3%A1nchez)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Adonias\\_Filho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Adonias_Filho)

[https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&es\\_th=1&ie=UTF-8#q=Fernando+Sabino](https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&es_th=1&ie=UTF-8#q=Fernando+Sabino)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1do\\_Ivo](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1do_Ivo)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alceu\\_Amoroso\\_Lima](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alceu_Amoroso_Lima)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Bandeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Bandeira)